

notas do texto (1987), *O objecto celebrado* (1999), *Crónica dos anos da peste* (1996, 2.^a ed.), *Portugalíae momumenta frivola* (2000), *Indícios de ouro* (2009), *Ler Régio* (2010), para além dos títulos da obra poética já mencionados, constituem-se assim em objeto de reflexão e análise que nos convida a um atento reencontro. E esta é, segundo cremos, a melhor homenagem que se pode fazer a um homem de letras “vário, intrépido e fecundo”. Completa o volume uma curta secção de Anexos, de que fazem parte a entrevista dada a Isabel Fernandes, em 2010, e publicada em *Artes entre as Letras*, a resposta ao *Questionário de Proust* e uma nota biobibliográfica.

Maria do Rosário Cunha

O SECRETO E O REAL: ENSAIOS SOBRE LITERATURA PORTUGUESA

PAULA MORÃO

Lisboa, Campo da Comunicação, 2011

527 páginas, ISBN 9789898465023

Formulou Nietzsche, num conhecido lugar, que “ler filologicamente” significa enfrentar-se à leitura “teológica”, isto é, significa ler de um modo que não “falsifique” os textos pela “interpretação”. E era justamente o que um “teólogo” — ou aquele cujo “sangue” de teólogo corre nas veias — não podia fazer: “Outro indício do teólogo — diz-nos Nietzsche — é a sua incapacidade para a filologia. Por filologia deve entender-se aqui, em sentido muito geral, a arte de

ler bem; de saber interpretar os factos sem os falsear com interpretações; sem perder, pelo desejo de compreender, a prudência, a paciência, a fineza. A filologia como *ephexis* na interpretação; quer se trate de livros ou de notícias, de jornais, de destinos ou de dados meteorológicos”. Este “sentido muito geral” da leitura filológica segundo Nietzsche — que não foi, como sabemos, o único sentido que o filósofo alemão atribuiu ao termo “filologia” — supõe ainda uma ética que substancia o “ler bem”, que, não sendo uma ciência ou uma teologia, é uma “Kunst”, uma “arte” que comporta rigorosas exigências. É esta “arte de ler bem”, é o exercício de uma leitura filológica nestes termos, que temos no volume *O Secreto e o real. Ensaios sobre literatura portuguesa*, de Paula Morão, que reúne ensaios éditos e inéditos, escritos pela autora, catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao longo de pouco mais de uma década, concretamente, segundo se indica num pequeno texto prefacial, entre 1998 e 2009. Publicado no ano de 2011, o imponente conjunto de estudos perfaz mais de quinhentas páginas, pelas quais se vão desdobrando três secções maiores de extensão variável. A primeira parte tem por título genérico “Literatura e crítica”; a segunda, por seu turno, “Literatura autobiográfica”; e a terceira, por último, “Autores dos séculos XIX e XX”. O número de páginas (e, em rigor, de ensaios) que cada parte integra vai aumentando de modo exponencial. Assim, se na primeira

parte podemos ler três ensaios (35 p.), na segunda o total soma quinze estudos (188 p.), e na terceira o conjunto averba vinte e cinco artigos (286 p.). A lógica que preside ao encadeamento dos textos em cada uma das partes distingue-se nos seguintes termos: se, na primeira secção, os ensaios se colocam do geral para o particular – um estudo de abertura sobre a ‘obrigação’ e o ‘prazer’ como dínamos do ato de leitura crítica, seguido de dois ensaios dedicados aos dois Mestres tutelares da autora: Óscar Lopes e Eduardo Lourenço; na segunda e terceira secções, a concatenação dos estudos obedece a uma razão fundamentalmente cronológica. Contudo, esta descrição requer alguma matização. Assim, a segunda parte tem como primeiro ensaio um *estado da questão* no que toca aos estudos sobre a chamada ‘literatura autobiográfica’ e a ‘escrita intimista’, géneros em que Paula Morão, como se sabe, é a mais reconhecida autoridade no âmbito dos estudos literários na academia portuguesa. Ainda, um segundo ensaio amplia esta entrada teórica, incidindo sobre a questão do ‘retrato’ e do ‘autorretrato’, noções pregnantes tanto para o estudo de determinados géneros literários como outros modos de expressão artística (com destaque para a pintura). Ambos os artigos, neste sentido, pretendem assentar as bases para o estudo sistemático de uma ampla fenomenologia textual – memórias, biografias, autobiografias, diários – a que a historiografia e a crítica literárias vêm prestando

menos atenção; mas, mais ainda, visam também argumentar e fundamentar a importância deste âmbito específico para o estudo do fenómeno literário considerado no seu conjunto de variedades diacrónicas e sincrónicas. Esta secção do livro, assim, vai ao encontro de estudos anteriores da responsabilidade de Paula Morão, referências clássicas para este âmbito teórico-crítico e suas aplicações práticas no contexto da literatura portuguesa: como autora destacam-se *Irene Lisboa. Vida e escrita* (1989) e *António Nobre. Uma leitura do nome* (1991); como editora, mais recentemente, vieram a lume *Autobiografia, auto-representação* (2003), *Retratos com sombra. António Nobre e outros contemporâneos* (2004) e, ainda, *Escrever a vida. Verdade e ficção* (2008), em coedição com Carina Infante do Carmo. Aliás, determinados textos agora agrupados em *O secreto e o real* tinham integrado alguns destes volumes – é o caso de “Memórias da infância – alguns exemplos portugueses” (pp. 143-158), procedente de *Autobiografia, auto-representação* –, ou volumes coletivos afins – com destaque, precisamente, para “Retrato e autorretrato” (pp. 55-65), incluído no livro *Concerto das artes* (2007) que a autora coeditou com Kelly Basílio, Mário Jorge Torres Silva e Teresa Amado. A terceira parte, aparentemente mais avulsa, dada a natureza ‘transversal’ da questão autobiográfica – aqui a lição demaniana é conspícua, entendendo a autobiografia como figura do texto –, não deixa de prolon-

gar o núcleo teórico-crítico irradiante da segunda secção.

O título e o subtítulo da nova obra funcionam como pesponto do todo agora aliado em livro. Assim, ‘secreto’ alude à natureza esfíngica do objeto literário, à sua condição de enigma, à latência de uma pulsação obscura irreduzível; ‘real’, por seu turno, refere a inscrição e determinação mundana do objeto literário, oriundo e destinado ao ‘mundo da vida’. O recorte do objeto, como já foi dito, centrado em múltiplos avatares da ‘escrita do íntimo’, tem obviamente correlato no título, em que a copulativa ‘e’ é sinal de uma transferência, de uma tensão, de um agnismo. Em palavras de Paula Morão: “Os escritos intimistas, transversais a vários géneros e subgéneros do sistema literário, põem sempre o complicado problema teórico dos limites entre a vida e a arte” (p. 55). Agnismo, tensão ou transferência na medula da Modernidade e do Moderno, cronótopo de eleição da autora. A Modernidade e o Moderno como *epos* de um sujeito, de um processo de subjetivação, tensados entre as entranhas, o centro cordial do Eu, e a sua facialização e esfacelamento na incontornável representação: “ao escrever – diz-nos Paula Morão –, procede-se à revivificação do *eu* como um todo, passado e presente, mas por outro lado o resultado escrito deste mecanismo erige simbolicamente um monumento, petrificando aquele que sou e fui mas estou deixando de ser, transformando-se o sujeito retratado na

evidência de que uma parte de si ali se fixa e permanece, cristalizada e imóvel” (p. 59). Eis aqui uma outra descrição da Esfinge e do Tempo, cujo labor simultaneamente construtivo e destrutivo a autora aprendeu nos Mestres, Óscar Lopes e Eduardo Lourenço, e perscruta nos poetas e romancistas que foi elegendo como objeto de estudo fundamentado e sistemático.

Vale a pena compulсар brevemente a origem dos ensaios na medida em que, pela sua variedade e credibilidade como lugares de excelência para publicar – aqui com o sentido de ‘difundir’, mas também de ‘fazer público’ ou ‘pôr em comum’ – a pesquisa levada a cabo em sede universitária, nos devolvem o exemplar percurso académico (docente e investigador) da autora. Um percurso que, neste sentido, pode ser tomado como uma espécie de retrato que nos permite também aferir o estado do campo dos estudos literários em Portugal na primeira década do século XXI. Assim, tiveram como destino este livro ensaios publicados em revistas de reconhecido prestígio e ampla difusão – *Vértice*, *Colóquio/Letras*, *Românica*, *Revista da Faculdade de Letras* do Porto, *O Escritor*, *Jornal de Letras*; artigos inicialmente integrados em atas de eventos académicos e efemérides – sobre Miguel Torga, José Rodrigues Miguéis, José Gomes Ferreira ou Carlos de Oliveira; prefácios a volumes organizados – Luísa Dacosta, Marcello Duarte Mathias; ou, enfim, textos apresentados em jornadas de homenagem a

escritores e críticos vivos — é o caso de António Lobo Antunes e Manuel Gusmão. Este elenco sucinto tem, aqui, o propósito de sublinhar a coerência do percurso académico da autora: pois o amplo conjunto de textos reunidos, que responderam aparentemente por aquela espuma do tempo urgente que vai determinando os trabalhos e dias de um universitário, na verdade foram sempre movidos por uma vocação e uma paixão leitora, sempre a par do processo da ‘teoria’ no campo dos estudos literários em Portugal e *extra muros*, sempre comprometida com modelos de escrita — com literaturas, no plural — em que escrever e ler é um modo de vida que amplia a vida; ou, noutra descrição possível, modelos escriturais em que ler e escrever é um modo de vida especialmente intenso. Decerto a autora, sobre alguns dos poetas ou romancistas, escreveu mobilizada pelo *tempo* de um campo das letras que vai pautando o seu processo pela oportunidade das efemérides. Mas fê-lo sempre movida pelo rigor da paixão da leitura — num sentido ativo, entenda-se — e a paixão pelo rigor *na* leitura. O ritmo do tempo urgente da vida académica foi subsumido pelo ritmo da filologia. Dos autores e textos que vão desfilar ao longo do livro, vão sendo produzidos retratos que, por constituírem afinidades eletivas, são, também, retrato da ensaísta e estudiosa. O elenco, como se pode adivinhar pelo já dito, é ponderoso, nalguns casos o poeta ou o romancista é merecedor de mais

de um artigo: Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga (2), José Rodrigues Miguéis, José Cardoso Pires, Luísa Dacosta (4), Marcello Duarte Mathias, na segunda parte, havendo a acrescentar, na terceira parte, Cesário Verde (2), Eugénio de Castro, Camilo Pessanha, Irene Lisboa (2), José Gomes Ferreira (2), Carlos de Oliveira (2), José Marmelo da Silva, Eugénio de Andrade (2), Maria Judite de Carvalho, Ruy Belo (2), António Lobo Antunes (2), Manuel Gusmão (2) e Ana Luísa Amaral. São os nomes especialmente visíveis, mas muitos outros haveria a acrescentar, aliás, não apenas portugueses e não penas literatos. É o caso do pintor Courbet, a que a ensaísta dedica especial atenção, ou Stendhal. Não é casual a saliência de dois vultos da cultura francesa: a França, a sua literatura, a sua tradição crítica, está especialmente presente na formação do ensaísmo de Paula Morão, sem esgotar as referências a outras geografias literárias. Neste sentido, o *Secreto e o real* é um daqueles livros que teria beneficiado muito com a inclusão de um índice onomástico. É pena que o não tenha, porque permitiria a remissão expedita do leitor a lugares dos textos onde uma fulgurante leitura de determinado criador, que não seja propriamente o tema principal do estudo, vai mais além da simples menção.

Para concluir, vale a pena sobrelevar, para produzir um modelo que situe a paixão pelo rigor *na* leitura da autora de *O secreto e o real*, o sentido

duplo e divergente que “interpretação” tem no lugar nietzschiano mencionado no início da resenha: (a) ler “pela interpretação” ou (b) ler “na interpretação”. Por outras palavras, (a) “ler teologicamente” é ler submetendo o objeto lido a um *a priori* interpretativo que “falsifica”, isto é, pelo qual se faz tudo *pela interpretação*; (b) “ler filologicamente”, por seu turno, é provocar a “boa leitura” *na interpretação*; a filologia de que fala aqui Nietzsche é *ephexis*, termo de cujas diferentes aceções coligidas por Liddell-Scott-Jones se destacam “comprovação”, “ceticismo”, “paragem”, “contenção” ou “detenção”; isto é, a filologia como *ephexis* supõe um *processo* de enfrentamento ao lido cujo *ethos* tem como atributos a “precaução”, a “paciência” ou a “delicadeza”. Ler bem pressupõe, assim, uma cadência, um andamento, um compasso, uma espécie de ‘travagem’. Ler devagar, como formularia Herberto Helder no conhecido poema “Para o leitor ler de/vagar”. Na verdade, também esta é versão de uma fórmula nietzschiana para descrever, precisamente, a filologia... Há, pois, um ritmo na filologia. E é esse o ritmo – cadência, andamento, compasso, espécie de ‘travagem’ – que cada um dos textos de Paula Morão reunidos em *O secreto e o real. Ensaios sobre literatura portuguesa* simultaneamente solicita e impõe ao leitor que o percorra e se adentre nas suas páginas.

Pedro Serra

MEMÓRIAS & SABEDORIAS

JOSÉ PEDRO SERRA, HELENA

CARVALHÃO BUESCU, ARIADNE NUNES,

RUI CARLOS FONSECA (coords.)

Famalicão, Edições Húmus, 2011

544 páginas, ISBN 9789898139894

Tomemos as primeiras linhas do ensaio “A memória que herdámos dos gregos: da Poesia, História e Filosofia” (pp. 331-347), de Martinho Tomás Martins Soares, como possibilidade de formulação de um ponto de partida para o projeto que resultou no volume em apreço: “Duas formas de sabedoria corporizam a memória entre os gregos: a história e a poesia, nas suas mais variadas vertentes. Mas o conceito esteve também na mira do discurso filosófico” (p. 331). História, pensamento e espiritualidade, literatura são, de facto, as pedras de toque desta obra de cunho pluridisciplinar, por vezes até interdisciplinar; e a tentativa de (re)pensar, desde a Antiguidade, a vasta tradição da *memória* e da *sabedoria* constitui o principal propósito do conjunto de ensaios aqui reunidos: vinte e oito deles escritos em português, a que se juntam um em espanhol, um em francês e um terceiro em inglês, quase todos produzidos por investigadores de língua portuguesa (com exceção do de Jean-Marie Flamand sobre Jâmblico e a sua obra sobre filosofia pitagórica), oriundos de diferentes instituições universitárias, mas vinculados, na sua maioria, ao Centro de Estudos Clássicos e ao Centro de